

**RIOBALDO E DIADORIM: DA IDEIA DE *FORMA DE VIDA*
ENQUANTO EXPERIÊNCIA DE DESCONSTRUÇÃO DAS
IDENTIDADES**

Alex Fabiano Correia Jardim

RIOBALDO E DIADORIM: DA IDEIA DE *FORMA DE VIDA* ENQUANTO EXPERIÊNCIA DE DESCONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES

Alex Fabiano Correia Jardim

Resumo: A ideia deste texto é apresentar, partindo do conceito de *individuação* e *formas de vida* em Gilles Deleuze, dois personagens que atravessam o *Grande Sertão: veredas*: Riobaldo e Diadorim. Esses personagens, em Rosa, tipificam os conceitos acima mencionados na filosofia deleuzeana. Os dois personagens nos apresentam, no romance, práticas que fogem de uma tradição que estabelece um *ethos* para a vida de um bando no sertão. Os signos de amor entre Riobaldo e Diadorim intensificam uma individuação que não se segmenta em homem e mulher, mas entre corpos livres da forma ou de qualquer “órgão” individualizante. Essa individuação por afetos não é submetida ao binarismo homem/mulher, mas a práticas de vida que inventam uma nova maneira de viver. Segundo Deleuze, são esses agenciamentos que fazem e constituem as *hecceidades*, ou seja, uma prática que se estabelece a partir de um poder de afetar e ser afetado.

Palavras-chave: Literatura brasileira, Guimarães Rosa, individuação, formas de vida, afeto, corpo.

Abstract: The purpose of this text is to introduce the two characters who cross the *Grande Sertão: veredas*: Riobaldo and Diadorim, using the concept of *individuation* and *life forms* in Gilles Deleuze. In Rosa, these characters represent the aforementioned concepts of Deleuze’s philosophy. In this novel, the two characters introduce us to ways of escaping from the tradition of establishing an *ethos* for the life of a band in the backlands. The signs of love between Riobaldo and Diadorim emphasize their individuality, but not distinguishing them as man and woman, but rather, as bodies of any shape or any individual organism. This individuation of affection is not subject to the binary nature of man/woman, but rather to the life activities that create a new way of living. According to Deleuze, it is these negotiations that create and comprise the *hecceities*, that is, an activity that is established beginning from the ability to be affectionate and to receive affection.

Keywords: Brazilian literature, Guimarães Rosa, individuation, life forms, affection, hecceities.

Guimarães Rosa, ao apresentar sua obra *Grande Sertão: veredas*, abre-nos a um mundo de possibilidades. Rosa vai descrevendo as tessituras de encontros e desencontros, apontando as marcas que moldam uma natureza humana, sua condição e história. Em lugar de apontar uma essência que percorre o ser sertanejo, ele nos indica que a vida é condicionada por um conjunto de práticas e relações. É o que chamamos de *individuação*, ou seja, como alguém se torna o que é.

O sertão de Rosa não permite o aparecimento de um sujeito ou de uma consciência que se coloque acima de sua realidade, dado que o “Sertão está em toda parte”. O desafio é viver suportando a imanência absoluta do Sertão e os riscos do viver como negócio perigoso. Viver dentro do Sertão é aceitar a ideia de que nada existe fora e nem acima dele. Sertão e vida se entrelaçam e desaparecem numa mesma coisa, numa mesma composição. A narrativa descontínua de Rosa nos permite pensar o tempo que se redescobre, mas que não se reconcilia.

Riobaldo, narrador principal da trama, num exercício de memória, vai constituindo um novo processo de percepção. A narrativa faz com que ele perceba, no expresso de seus vividos, novas significações. Teremos um ininterrupto fluxo de consciência, como se, através da narrativa, o sertão novamente se abrisse e se redescobrisse em antigas e novas paisagens. Um tipo de catarse criativa e redentora, em que passado e futuro estão amarrados por um tempo contraído, e esse tempo contraído torna-se provocador de novas sensações que não se prendem aos meros estados vividos, como uma simples imaginação ou recordação. O conjunto da narrativa de Riobaldo o arremessa para o passado, mas ele não se reconhece. Não se reconcilia com o vivido. O passado e o presente em Riobaldo são uma névoa densa, a experiência de um tempo como simples travessia.

No vir-a-ser de sua invenção, Riobaldo torna-se jagunço e encarna todos os elementos e representações que implicam essa forma de vida — uma delas e, talvez, a mais forte, é a masculinidade característica dos homens da terra. Mas a sua forma-homem sofre distorções e disjunções. Riobaldo escapa ao mundo das representações ou, pelo menos, se a ele pertence, ele também o trai. E é nesse processo de traição constante que Riobaldo faz de si mesmo um particular acontecimento. Uma *hecceidade*. Mas isso ocorre a partir de um encontro, e é aqui, precisamente, que um elemento diferencial surge como precursor de um Riobaldo traidor: Diadorim. Que elemento estranho é esse que aparece na vida de Riobaldo e que modifica completamente seu modo? Que encontro foi esse que se compôs com a sua singularidade e promoveu uma nova forma de vida? — “*Diadorim é minha neblina*” (ROSA, 1986, p. 16). Diadorim, o duplo de Reinaldo. Devir-feminino e devir-masculino. Sem possuir identidade.

Riobaldo, pois tem um particular que eu careço de contar a você, e que esconder mais não posso [...] Escuta: eu não me chamo Reinaldo, de verdade. Este é o nome apelativo, inventado por necessidade minha, carece de você não me perguntar por quê. Tenho meus fados. A vida da gente faz sete voltas — se diz. A vida nem é da gente [...] (ROSA, 1986, p. 133)

O que encontramos é um movimento que se esvai e desliza de acordo com os interesses e as circunstâncias: “[...] o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam” (ROSA, 1986, p. 15).

Não podemos conhecer a essência de Reinaldo/Diadorim. Ele não possui uma natureza, não se fecha num universo determinado pelas leis da biologia. Num jogo confuso, a artimanha de Guimarães Rosa é bastante provocadora por dois motivos: primeiro, ele cria uma personagem mulher, mas que, enquanto “modo”, é masculino; e segundo, ele põe o afeto (nesse caso, o amor) acima de qualquer determinação biológica, isto é, Riobaldo apaixona-se por um homem (Reinaldo). Daí, a transgressão instaurada no romance. As relações tradicionais que compõem a existência no Sertão não permitem experimentar certos regimes de vida. Esse amor transgressor leva ao limite esse perigo de viver, perturbando o pleno desenvolvimento de uma ordem das coisas.

O afeto que os une é irremediável. O que organiza o tempo da narrativa é a intensidade da força dos acontecimentos e as novas percepções que eles incitam, dentre elas, a percepção e afirmação dos signos amorosos por Riobaldo. O que encontraremos é um tempo que se entrecruza de alguma maneira sob a forma de passagens e acasos. A alma de Riobaldo fora entregue aos cuidados de Diadorim. E esse amor, como um afeto, é dissolvido entre o desejo e o gostar: qual loucura seria esse amor e esse gostar que perpassa esses dois personagens? Qual é a força desse desejo que rompe e destoa da tradição e quais são os componentes que estabelecem um *ethos* para a vida marcada nas tipificações dos jagunços? Os signos de amor entre Riobaldo e Diadorim intensificam uma individuação que não se segmenta em homem e mulher, mas entre corpos desejantes e livres de qualquer órgão individualizante. Essas individuações por afetos constituem práticas de vida que comunicam numa nova maneira de viver. E é nessa aventura que os dois nos apresentam um duplo ou um jogo de máscaras. O duplo Riobaldo/Tatarana: matador e viril, sensível, inventor de dúvidas e fabricante de pensamentos que remói as incertezas da escolha. O duplo Diadorim/Reinaldo: sorrateiro e silencioso, que escolheu o sertão como companhia e destino; que falava com os olhos e que tinha a vingança como intenção. O que uniria a vida desses dois personagens entre si? Quais são os elementos que poderiam compor entre eles, no entretempo da existência, afetos comuns e indissolúveis? Ao apresentarmos a possibilidade do duplo entre os dois personagens, notamos que o Sertão também possui o seu duplo ou múltiplo sentido: é visto enquanto lugar de pura beleza, mas, ao mesmo tempo, nesse mesmo sertão, há “pequenos sertões”, onde o inferno acontece. O sol, símbolo maior de luz, traz também a imagem da morte, dos sentimentos carregados por dentro, por ideias que cansavam a mente e faziam deslizar pensamentos pela superfície arenosa da terra. Nada escapava ao sertão. Nada estava acima dele. Paraíso e inferno. Condição e insensatez. Imanência pura.

Mas o delírio de Riobaldo era “poder gostar de Diadorim”, “meu amor de prata e meu amor de ouro” (ROSA, 1986, p. 41). Riobaldo queria escapar de toda determinação. E qual seria a sua “linha de fuga”? O amor. Diadorim era a sua pretensão maior, escondido por entre ideações de amor. Diadorim não era só a sua neblina, mas também a sua vereda. Diadorim, imagem perturbadora que carregava no para-si a contínua duplicidade de anjo e demônio. Diadorim era a constante febre. Embaralhava os sentidos e fazia com que Riobaldo carregasse por dentro, e levasse junto de si, Deus e o Diabo.

Na verdade, a narrativa de Riobaldo nos impõe e convida para uma travessia em que os encontros efetivamente se dão, como se ele buscasse um pouco de vida nos intervalos do tempo que flui — os olhos de Diadorim. Nem a morte, combate a combate, fazia com que ele se esgueirasse dos seus verdadeiros desejos. Transgressores desejos. Declarar-se a Diadorim, que aparecia e desaparecia, furtando a lógica por contradição. Ele era feito mau amor oculto que a vida encobre por jogo de situação e risco. E o medo, que tanto tange o vai-e-vem das coisas, também envolve Riobaldo. Esse medo que serpenteia diz respeito ao medo de si mesmo e o joga na procura por uma transcendência qualquer: a lembrança de Otacília para escapular das exigências da imanência. Mas, se Otacília é sua transcendência, Diadorim é sua ligação com as forças vitais da vida, da terra. Diadorim, como uma aranha, tecia as teias do tempo de Riobaldo, tempo incerto e movido por acasos, sobressaltos e sobre o qual Riobaldo dá testemunho:

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros adho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. (ROSA, 1986, p. 82)

Diadorim como lembrança contraída. Percepção de Riobaldo, Diadorim é o objeto reintroduzido no tempo. E esse procedimento na narrativa surge quando Riobaldo fala de quando esse objeto aparece pela primeira vez: “Aí pois, de repente, vi um menino, encostado numa árvore, pitando cigarro. [...] Mas eu olhava esse menino, com um prazer de companhia, como nunca por ninguém eu não tinha sentido” (ROSA, 1986, p. 85-86). Esse aparecer é o *acontecimento*. Uma brisa, um raio de sol, a travessia do rio... Riobaldo, envolto nesse novo afeto, deixara-se seduzir por “algo” que ultrapassa a explicação e a razão:

E o menino pôs a mão na minha. Encostava e ficava fazendo parte melhor da minha pele, no profundo, desse as minhas carnes alguma coisa. Era uma mão branca, com os dedos dela delicados. “Você também é animoso...” — me disse. Amanheci minha aurora. (ROSA, 1986, p. 90)

Para Riobaldo, Diadorim provocava nele a ausência de um termo que o designasse e o significasse: “eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome” (ROSA, 1986, p. 92). O acaso desse encontro não se define pela objetividade de um tempo, afinal, “os gerais desentendem de tempo” (ROSA, 1986, p. 92-93). Essa disjunção do tempo é inclusive uma característica da própria narrativa de Riobaldo. Todo o fluxo de consciência do narrador é uma reinvenção do tempo, mas lembrando que esse mesmo tempo jamais conseguirá refazer o nó outrora desfeito, afinal, segundo Riobaldo, “a vida não é entendível” (ROSA, 1986, p. 119). “O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado” (ROSA, 1986, p. 159). Qual é a linguagem que se estabelece nessa paixão e nesse amor disformes entre Riobaldo e Diadorim? Depararemos com um problema que é a expressão desse amor ou, mais ainda, seu sentido. Como dizer o indizível? A comunicação dos afetos entre Riobaldo e Diadorim encontra limites na estrutura da própria linguagem. Quando ambos enunciam, à sua maneira, o amor que os atravessa, não encontrará uma enunciação individual, mas um composto entre Eu e Tu, ou, como afirma Deleuze, o enunciado será sempre coletivo (DELEUZE, 1995, p. 18), e, conseqüentemente, provocará uma torção por individuação. Isso quer dizer que todas as vezes em que Riobaldo e Diadorim declaram seus sentimentos, pelo olhar ou pelo toque, “algo acontece” e vai dissolvendo suas identidades. A esse processo, Deleuze chama

[...] subjetivação por enunciação, quando o agenciamento coletivo impessoal o exige e o determina. Esse é precisamente o valor exemplar do discurso indireto e, sobretudo, do discurso direto “livre”: não há contornos distintivos nítidos, não há, antes, inserção de enunciados diferentemente individuados, nem encaixe de sujeitos de enunciação diversos, mas um agenciamento coletivo que irá determinar como sua conseqüência os processos relativos de subjetivação, as atribuições de individualidade e suas distribuições moventes no discurso. (DELEUZE, 1995, p. 18)

Não encontramos no romance a frase *eu te amo*. Como isso se explicaria, apesar do forte amor que os unia? Talvez isso se explique pelo fato de que o enunciado *eu te amo* está mascarado nos atos, mas permanece inacessível às categorias linguísticas. É muito mais da ordem dos agenciamentos do que propriamente da ordem de uma frase que não consegue expressar o que um afeto verdadeiramente é. Segundo Deleuze,

Um tipo de enunciado só pode ser avaliado em função de suas implicações pragmáticas, isto é, de sua relação com pressupostos implícitos, com atos imanentes ou transformações incorpóreas que ele exprime, e que vão introduzir novos recortes entre os corpos. (DELEUZE, 1995, p. 23)

Entramos no problema do valor da palavra, no que ela representa e em sua necessidade lógica. A expressão linguística do amor entre Riobaldo e Diadorim, leia-se, afetos, não seguia as normas da palavra revelada, como se a frase “*eu te amo*” fosse uma palavra de ordem que bastasse a si mesma. Eles não precisavam dessa verdade do enunciado em face de uma realidade inapreensível pela sintaxe. Se a palavra enquanto expressão do pensamento não dizia tudo, era porque os modos ou a potência de cada movimento afetivo se antecipariam a qualquer expressão linguística. Guimarães Rosa nos coloca os limites da palavra. Em se tratando do “afeto como expresso”, a gramaticalidade é incapaz de dar conta do paradoxo e do contrassenso que envolve a difícil experiência do amor entre Riobaldo e Diadorim. Teremos somente signos que interrompem a gramática e introduzem nos fatos um diferente jogo em que a exigência maior é a qualidade da percepção. Não queremos falar de um mistério do ser que somente pela linguagem nos é revelado. Contrário a isso, a ideia é pensar como uma quantidade de signos vai aparecendo no romance até o seu final, constituindo todo o teatro amoroso, nos indicando o “ilimitado da significância”. Dessa forma, não dispomos de palavras; só temos afetos que se dobram sobre o espírito. E em todo o romance observamos isso — uma dificuldade do discurso, o esvaziamento da palavra em função de outras comunicabilidades:

A já, que ia m'embora, fugia. Onde é que estava Diadorim? Nem eu não imaginava que pudesse largar Diadorim ali. Ele era meu companheiro, comigo tinha de ir. Ah, naquela hora eu gostava dele na alma dos olhos, gostava — da banda de fora de mim. Diadorim não me entendeu. Se engrotou. (ROSA, 1986, p. 156, grifo meu)

No trecho acima, novamente o duplo em Riobaldo: quem é esse Riobaldo que clama por um amor que pode ser vivido pela “banda de fora de mim”? Um vir-a-ser que não se fecha na verdade de uma essência, pelo contrário, a desconstrói. Os afetos negam e dissolvem uma essência que os definiria de antemão. O problema torna-se, então, ético e ontológico: os afetos e os modos que definem um corpo, uma vida.

É o que Deleuze chama de *corpo sem órgãos*, isto é, a liberação de todos os “estratos” que nos determinam organicamente e também servem como fundamento para interpretação e subjetivação de acordo com conveniências e necessidades. Riobaldo e Diadorim se perdem e desaparecem de instantes em instantes no fluxo particular que desenvolvem no meio do sertão. Os modos ou *hecceidades* que os une se desvinculam dos signos pré-estabelecidos, sejam orgânicos, sociais ou culturais. A potência da vida transborda os limites, e o que encontraremos é a “paixão como um campo de intensidades contínuas. Uma emissão de signos partículas.

Fazer o corpo sem órgãos da consciência e do amor” (DELEUZE, 1995, p. 90). Se Deleuze fala em dessubjetivar a consciência, não é visando um verdadeiro aparecimento do ser que vive por trás de Riobaldo e Diadorim. Muito menos veremos Deleuze nos falar de uma busca por uma profundidade qualquer no infinito do ser. Em lugar de profundidade, ele fala de superfície. De plano e de geografia. O sertão para nós é esse plano e superfície. O afeto é a força que une e compõe os elementos desse plano. Plano dessubjetivado. O afeto e as paixões pertencentes ao plano significam para Riobaldo uma antinatureza: “Ele gostava, destinado, de mim. E eu — como é que posso explicar ao senhor o poder de amor que eu criei? [...] Diadorim tomou conta de mim” (ROSA, 1986, p. 166). É o que Deleuze chamará de *anômalo*, conceito bastante apropriado para explicar os devires que perpassam especialmente Riobaldo. Um afeto é anômalo porque é alógico:

Mas o anômalo não é tampouco um portador de espécie, que apresentaria as características específicas e genéricas no mais puro estado, modelo ou exemplar único, perfeição típica encarnada, termo eminentemente de uma série, ou suporte de uma correspondência absolutamente harmoniosa. O anômalo não é nem indivíduo nem espécie, ele abriga apenas afectos, não comporta nem sentimentos familiares ou subjetivados, nem características específicas ou significativas. (DELEUZE, 1997, p. 27)

Riobaldo e Diadorim, intensidades de um amor deformado, mesmo com todas as representações possíveis. Eis a dificuldade para se definir o amor entre Riobaldo e Diadorim. A anomalia que caracteriza esse amor é proveniente de algo precedente: a indefinição de um corpo, o amor como efeito de um afeto contraído e descolado de qualquer fundamento orgânico. Ou seja, o que definirá o corpo-apaixonado de Riobaldo e de Diadorim será a potência que os faz expandir:

Um corpo não se define pela forma que o determina, nem como uma substância ou sujeito determinados, nem pelos órgãos que possui ou pelas funções que exerce. No plano de consistência, um corpo se define somente por uma longitude e uma latitude: isto é, pelo conjunto dos elementos materiais que lhe pertencem sob tais relações de movimento e de repouso, de velocidade e de lentidão (longitude); pelo conjunto dos afectos intensivos de que ele é capaz sob tal poder ou grau de potência (latitude). (DELEUZE, 1997, p. 46)

E Guimarães Rosa vai apontando isso no decorrer da trama. Há “alguma coisa” e essa é da ordem do indizível mesmo, que faz com que as intensidades extrapolem o nível do corpo, suas funções e representações. Experimenta-se um sentimento e a paixão anômala é levada ao limite e ao extremo.

O Sertão é para nós, nesse texto, o que Deleuze chama de plano de consistência (ou imanência). O Sertão não é constituído por uma consciência e nem dependente de uma determinação de Riobaldo. O Sertão simplesmente é. Absoluto: “Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. O Sertão é quando menos se espera; digo” (ROSA, 1986, p. 249). Se há uma tensão que dá o tom trágico da existência, é porque o trágico já se encontra como gênese da própria vida. E o Sertão imanente não contraria as regras da própria vida, pois ambos se misturam inteiramente: razão e loucura. Sertão e vida. E, assim, a cartografia vai se delineando. O Sertão dissolve o sujeito e restitui um novo modo, assubjetivo, mas provido de sentido. Um sentido que não carece de um sujeito e nem de um lugar: “O sertão é sem lugar” (ROSA, 1986, p. 310). Como relata Riobaldo:

Mas o sertão era para, aos poucos e poucos, se ir obedecendo a ele; não era para a força se compor. Todos que malmontam no sertão só alcançam de reger em rédea por uns trechos; que sorrateiro o sertão vai virando tigre debaixo da sela. Eu sabia, eu via. [...] Sertão, — se diz —, o senhor querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem. (ROSA, 1986, p. 329- 335)

E é esse movimento que desencadeará o que estamos chamando de *redenção* em Riobaldo, como se duas linhas se encontrassem: a linha do amor e a linha da morte. Diadorim, aquele que se tornou o *grande acontecimento* na vida de Riobaldo, afecção maior de uma paixão e que mantém Riobaldo num tipo de exílio do sentimento, é desvelado. Esse “aparecer” de Diadorim enquanto revelação do mistério que percorre a obra redime Riobaldo, mas também o comprime no absurdo, abandonando-o ao delírio provocado pela verdade. Quando falamos de redenção, queremos dizer que Riobaldo reencontra sua forma-homem. É com a sua morte que Diadorim *salva* Riobaldo de uma “desnatureza”. Riobaldo transfigurado pela imagem de Diadorim-mulher: agora morta, “que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa” (ROSA, 1986, p. 530). O segredo revelado por Diadorim: “Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era a mulher como o sol não acende a água do rio Urucuia, como eu soluicei meu desespero” (ROSA, 1986, p. 530).

Diadorim reconstrói-se no aparecer do corpo-mulher para o mundo dos objetos e das formas. Riobaldo, redimido do desejo, é absolvido, mas se vê impossibilitado de experimentar o seu objeto recuperado. Um paradoxo se abre, pois, se a morte de Diadorim o redime, também o joga num abismo de indefinições e desvario, ou seja, aquele corpo-mulher que o livrara da culpa de um amor transgressor lhe escapa: “Eu estendi as mãos para tocar naquele corpo, e estremei, retirando as mãos para trás, incendiável: abaixei meus olhos. E a Mulher estendeu a toalha, recobrando as partes” (ROSA, 1986, p. 530-531). A sua narrativa ao interlocutor “sem palavras” talvez seja uma maneira de convencer a si mesmo da possibilidade do impensável, do inimaginável e do inverossímil. Para Riobaldo, vida e narrativa se misturam e compõem seu jogo existencial. Esse falar tresloucado de Riobaldo o empurra mais ainda para a indeterminação e a dúvida. Em lugar de fazê-lo significar e interpretar, a sua fala, na verdade, faz com que ele experimente novamente o devir-amoroso.

Neste texto, falamos do impessoal. De como o Sertão transfigura e dissolve os “eus”. Falamos de encontros que aumentam ou diminuem a potência da vida. Falamos de Riobaldo e Diadorim, que vão perdendo a sua subjetividade em favor de algo muito maior: os modos de individuação ou *hecceidades*. Há sempre no fluxo narrativo de Riobaldo o aspecto sombrio da indefinição e da ausência de um “termo real” em função da ideia de variação. Como afirma Deleuze:

O devir não produz outra coisa senão ele próprio. É uma falsa alternativa que nos faz dizer: ou imitamos, ou somos. O que é real é o próprio devir, o bloco de devir, e não os termos supostamente fixos pelos quais passaria aquele que se torna. (DELEUZE, 1997, p. 18)

É a última travessia de Riobaldo como redimensionamento da sua existência: a dissolução do duplo de Diadorim. Dessa forma, o Sertão se transformara no local de perdas e redensões. O vir-a-ser dos acontecimentos faz com que Riobaldo se encontre e se perca. O sentido está realmente nesse intermédio: desde os signos amorosos entre Riobaldo e Diadorim, passando pelo transgressor amor vivido na particularidade de ambos, chegando até o limite da verdade que implode na fatalidade cega das forças: a morte de Diadorim. O movimento reflexivo de Riobaldo não resgata seu “ego” e nem se espera o reencontro de uma totalidade, apenas a indicação da efemeridade da vida, re-contada e re-vivida na extemporaneidade da memória. Se, para Riobaldo, o que “existe é homem humano. Travessia” (ROSA, 1986, p. 538), então veremos que Guimarães Rosa abandona uma lógica das determinações.

E Deleuze chamaria essa travessia de *acontecimento*, isto é, todas as tramas que costuram intermitentemente o real. Se, para Deleuze, o “devir” foge de um “termo real”, é porque a ideia de princípio ou de fim não corrobora com a ideia de sentido.

Com a morte de Diadorim, o apelo final da tragédia é arremessar Riobaldo para a experiência da solidão. Mas a incompreensão em relação aos rumos da vida e às armadilhas de um tempo irreconciliável com o presente o incomoda. A sua narrativa é um quase-retorno e o tempo é contraído na passividade da recordação e da imaginação. Toda essa estratégia de compreensão do mundo, desde já, nos mostra uma necessidade de revitalização da linha do tempo, que, na narrativa frenética, é descontínua. Para Deleuze,

[...] é o tempo indefinido do acontecimento, a linha flutuante que só conhece velocidades, e ao mesmo tempo não pára de dividir o que acontece num já-aí e um ainda-não-aí, um tarde-demais e um cedo-demais simultâneos, um algo que ao mesmo tempo vai se passar e acaba de se passar. (DELEUZE, 1997, p. 48-49)

Riobaldo é um “conjunto de afectos não subjetivados” (DELEUZE, 1997, p. 49). Riobaldo é uma vida dessubstancializada que vive os movimentos secretos de sua mudança. E perder-se é o efeito da sua última travessia após a morte de Diadorim, que lhe impõe a experiência da solidão e consolida definitivamente o distanciamento entre Riobaldo e o mundo, afinal, Diadorim era o seu afeto mais poderoso, e, se ela morre, o mundo também desaparece. Como Riobaldo descreve ao lado do corpo sem vida de Diadorim: “Foi assim. Eu tinha me debruçado na janela, para poder não presenciar o mundo” (ROSA, 1986, p. 531). O paradoxo existencial que percorre a trama, por vezes, nos confunde. E o maior paradoxo de todos é o caso de amor entre Riobaldo e Diadorim. Esse amor reinventa o sentido de mundo tornando-se elemento diferencial desse mesmo mundo. O corpo morto de Diadorim não recupera uma lógica interna de um movimento qualquer, até porque o tempo do Sertão é alógico. Tempo desmedido e desmesurado. E, abandonando a percepção de um tempo vivido, Riobaldo estará condenado à solidão e ao silêncio.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs; capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: 34, 1997. v. 4.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs; capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Ana Lucia de Oliveira e Lucia Claudia Leão. São Paulo: 34, 1995. v. 3.

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Alex Fabiano Correia Jardim possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual de Montes Claros (1994), Especialização em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia, Mestrado em Educação (Fundamentos Filosóficos da Educação) pela Universidade Federal de São Carlos (2001) e Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (2007), com estágio no exterior pela Université de Paris I - Panthéon Sorbonne. Atualmente é professor efetivo da Universidade Estadual de Montes Claros. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Filosofia do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Montes Claros, MG. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia Moderna e Contemporânea, em especial, no pensamento de Michel Foucault, Edmund Husserl e Gilles Deleuze. Professor permanente do Programa de Mestrado em Letras/Estudos literários pela Universidade Estadual de Montes Claros discutindo a ressonância entre Literatura e Filosofia